



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita

desde que sejam preservadas as características originais da obra.

ÁLIBI PERFEITO



Meu nome é Uther Walker e não costumo ser simpático. Pouca gente gosta de mim. E entre elas não incluo minha secretária. Pearl me odeia e, se pudesse, me mataria. Só não o faz porque, até hoje, nos cinco anos em que ela trabalha para mim, nunca atrasei um dia o seu pagamento.

Não faço questão de ser agradável com as pessoas. Aliás, sou o que as pessoas chamam de misantropo que é nada mais nada menos que o sujeito que tem aversão à convivência com outras pessoas.

Em resumo é isso. Pessoas são sanguessugas. Ninguém se aproxima de você e lhe diz:

— Puxa, hoje eu estou feliz, muito feliz. Tão feliz que sinto vontade de contar. Você conhece aquela música "a snow cloud in the sky"? Vamos cantá-la juntos?

Isso ninguém faz. Quando é para dividir felicidade ou alegria, as pessoas são egoístas. Quer vê-las se tornarem amáveis e sequiosas de partilhar suas coisas com os outros? É quando estão infelizes ou com problemas.

— Puxa, você bem que podia me ajudar a isso...

Ou por causa daquilo... É sempre a mesma história. Só são solidários na infelicidade ou no sofrimento.

Por isso sou do jeito que sou e quem me quiser assim, tudo bem. Quem não gostar, que se dane. Não estou nesta terra para tornar a vida dos outros mais amena.

No fundo, reconheço que sou um sujeito desagradável. Bebo além da conta, fumo demais, de vez em quando jogo pôquer, sou exigente com as mulheres que saem comigo, tão exigente

que há uns seis meses venho saindo com uma só.

Seu nome é Venice Lytton e tem uma grande virtude. Ouve mais do que fala. Assim, quando exagero na bebida, ela fica me olhando com atenção, ouvindo tudo que eu falo, sempre concordando com tudo. É uma mulher fantástica e um verdadeiro achado.

Na realidade, é a mulher com quem fiquei mais tempo nesses quase quarenta anos de vida que já levo no lombo. No máximo que elas me aturam é um ou dois encontros. Um se eu beber muito; dois se eu deixar para beber no segundo.

Esse é um caso a parte. Quando bebo, viro o diabo. Meu médico me disse que eu tenho uma rara e estranha susceptibilidade ao álcool. Ele falou um monte de palavras bonitas e complicadas para resumir depois que:

— Uther, resumindo, quando você bebe você fica louco.

— Mas isso eu sei, doutor.

— Se sabe, por que bebe?

— Porque gosto... Queria apenas um remédio ou alguma coisa que não me deixasse agir assim, depois de beber...

— Não existe!

— Diabos! Depois dizem que a medicina está muito avançada — falei eu e nunca mais voltei ao tocar no assunto com ele.

Mas Venice Lytton é uma mulher especial. Acho que, desta vez, eu acerto. Não que eu pense em me casar e essas coisas. Acho difícil. A vida do lar não me atrai de forma alguma.

Sou um detetive profissional, essa classe marginalizada na realidade e endeusada no cinema, como se nosso trabalho fosse cheio de charme e vivêssemos cercados de mulheres bonitas.

Na realidade as balas não são de festim e os bandidos não acertam só no ombro. Tive um amigo, também detetive, que estava metido numa investigação para uma companhia de seguros, num caso de desvio de cargas, no aeroporto.

Tentou dar um flagrante sozinho, sem comunicar a Polícia. Os bandidos o balearam no estômago, duas ou três vezes. Ele ficou caído num canto de um armazém, tentando segurar as tripas que ameaçavam vazar pelo rombo em sua barriga.

Morreu ali, sozinho, gritando ou não por socorro. Quem pode saber? Imagino-o lá, caído, olhando a vida se esvaír rapidamente e ele sem nada para fazer, tomando consciência de que iria morrer.

Eu não desejo uma morte assim para ninguém, nem para um inimigo meu.

Como eu dizia, é um trabalho ingrato. Ganha-se bem? Sim, não se pode reclamar. Quando se atinge um determinado conceito nesse meio, o dinheiro entra fácil e constantemente. O mercado acaba fazendo uma seleção natural, deixando para trás os picaretas da profissão e valorizando os realmente bons.

Com meu último caso ganhei cinquenta mil dólares. O que muito trabalhador americano vai demorar um ano inteiro para receber, eu recebi com menos de um mês de trabalho. Corri riscos, fui persistente, segui as pistas com seriedade, armei algumas armadilhas, fiz um pouco de trapaça, mas, finalmente, acabei solucionando o caso.

Onde um amigo meu não vira qualquer indício de assassinato, eu fui convencido de que havia algo.

E para provar a minha teoria, eu tive de investigar. Eu cataloguei este caso como "Álibi Perfeito", como faço com todos os meus casos, resolvidos ou não. Sim, porque é bom que se diga que, às vezes, falhamos. Não conseguimos chegar a uma solução aceitável.

Quando isso acontece, eu bebo e fico realmente louco. Aliás, eu bebia e ficava realmente louco. Depois que conheci Venice, tenho preferido ir dançar com ela.

Entramos numa danceteria e ficamos lá a noite toda. Eu danço sem parar, até não ter mais forças para mover um dedo. Então vamos para casa e fazemos amor como dois loucos. Venice disse que isso é melhor do que beber para acalmar alguém. Penso que ela tem muita razão a respeito.

Mas esse caso foi muito interessante e merece ser contado. Tudo começou numa segunda-feira muito tranqüila. Eu havia passado o final de semana com Venice, na casa dela, fazendo churrasco e tomando cerveja e refresco. É uma receita que ela descobriu para não deixar que eu saia dos limites.

Para cada cerveja que tomo, tenho que tomar a mesma quantidade de refresco. Ela prepara o refresco. Tenho a impressão que é uma receita índia, pois vai me deixando com sono e sem vontade de tomar mais.

Só que não durmo e aquilo me dá uma vontade louca de transar. Vamos para a cama e

ficamos lá até cairmos de cansados. Venice é uma garota esperta.

Naquela segunda-feira, em particular, eu estava agradavelmente cansado, com aquele cansaço físico que vem de fazer apenas coisas que dão prazer.

Pearl, como sempre, desejando matar-me, simplesmente porque eu estava feliz e ela tivera um péssimo fim de semana.

Eu estava repassando as manchetes dos jornais, quando ela chegou e jogou um papel sobre a minha mesa, com um telefone anotado.

Levantei os olhos, olhando-a sem me aborrecer. Pearl já não conseguia mais me aborrecer, depois que eu conhecera Venice. Acho que, no fundo, ela tem ciúmes de Venice. Até hoje. Nada me tira isso da cabeça.

— O que é isso, Pearl? — perguntei.

— Um telefone...

— Sim, isto eu sei. O que faço com ele?

Ela fez uma expressão que dizia o que eu devia fazer com aquele papel, onde estava anotado um telefone.

Ao invés de dizê-lo, no entanto, ela preferiu explicar.

— Na sexta-feira, depois que você saiu, essa mulher ligou e fez uma porção de perguntas sobre você. Acho que andou tomando muitas referências a seu respeito. Perguntou se eu confirmava que você bebia muito e eu respondi que não sabia nada de sua vida particular...

— Fez bem. Se não tenho um caso, você não tem um salário...

Ela respirou fundo, mascando algumas vezes aquele seu maldito chiclete.

— Quem é ela e o que quer?

— Isso você vai ter que descobrir. O detetive aqui é você. Eu sou apenas a secretária.

— Pois é, por isso admiro cada vez mais a obra do Criador. Ele soube separar bem as espécies.

Ela me olhou sem entender, mas não perguntou. Meu tom de ironia era o bastante para irritá-la.

Virou as costas e ia saindo, quando eu a chamei de volta.

— Ligue para ela — disse, mostrando o papel.

Ela me olhou furiosa, depois tomou o papel de minha mão e foi fazer o seu trabalho.

Pouco depois eu falava diretamente com a Sra. Ethel Rotherham, cujo sobrenome não me era de todo desconhecido. Já o ouvira repetidamente havia algum tempo atrás, embora, no momento, não conseguisse me lembrar.

Era uma mulher fria e de certa idade, conforme concluí, assim que ela falou comigo.

— Detetive Walker, tenho um trabalho para você. Se estiver disposto a aceitar o caso, apreciaria muito sua gentileza em me visitar hoje, às cinco da tarde, em minha casa. Se puder, eu lhe dou o endereço — disse ela, como se tivesse decorado aquele discurso curto e objetivo.

— Acho que poderemos conversar, Sra. Rotherham. Pode me dar o endereço, por favor?

Enquanto ela falava, eu anotava.

— Precisa de mais alguma coisa? — finalizou ela.

— Só uma coisa: há algo que eu deva saber previamente, antes de falar com a senhora?

— Seria interessante que estivesse inteirado do caso da queda do vôo 118, da Summer Airlines, há cinco semanas. Minha filha foi dada como morta naquele acidente. Poderá ter mais detalhes com o Sr. Rufus Desmond, um detetive da Seguradora...

— Não se preocupe, eu conheço Rufus pessoalmente. Falarei com ele.

— Espero-o às cinco e, por favor, Sr. Walker, seja pontual.

— Pontualidade é o meu lema, senhora — arrematei, desligado.

Não posso deixar de mencionar que o tom de voz dela, apesar de um tanto frio e impessoal, parecia guardar certa admiração,

Com certeza ela havia tomado referências sobre mim e ouvira sólidas informações sobre a

minha reputação. Eu sempre ia um passo além, onde os outros desistiam.

Chamei Pearl.

— Localize Rufus Desmond para mim. Diga-lhe para se encontrar comigo no Sunset, em Santa Mônica, para almoçarmos juntos e que eu vou pagar a conta. Só assim ele irá. Preciso de uma informação dele. Depois localize tudo que puder sobre o acidente do voo 118, da Summer Airlines, há cinco semanas atrás.

— Mais alguma coisa?

— Um café bem quente, querida — disse-lhe, com doçura na voz, do jeito que ela não gostava.

— Quer com arsênico ou com estricnina.

— Qualquer um deles, só não mexa com o dedo, sim?

Ela saiu batendo o pé, como sempre fazia nas segundas-feiras, quando passava um péssimo final de semana.

Só que trabalhava rápido. Localizou Rufus, marcando o almoço, depois falou com um amigo dela no jornal Los Angeles Mirror. Quinze minutos depois ele passava por fax recortes de notícias sobre o acidente.

Ela foi levar e deixar sobre a minha mesa, juntamente com a minha caneca de louça, que imita a cabeça de um ratinho famoso e que eu trouxe da Disneylândia.

Debrucei-me sobre as notícias. O voo 118 saía de Los Angeles às oito horas da manhã, com destino ao Aeroporto Kennedy, em Nova Iorque.

Chovia e ventava muito. O avião saiu do Aeroporto Internacional de Los Angeles usando a pista na direção do Oceano Pacífico, fez o contorno sobre ele, ainda ganhando altura, para pegar seu rumo para atravessar o país na direção de Nova Iorque.

Passou por sobre a cidade de Los Angeles e, foi se chocar com o Monte Wilson, na Floresta Nacional, uma montanha com pouco menos de seis mil metros de altura.

Não houve sobreviventes. Corpos foram encontrados espalhados por toda parte. Alguns tão carbonizados que ficaram irreconhecíveis.

Procurei alguma coisa sobre a filha de Ethel Rotherham e encontrei uma nota. Falava das buscas ao corpo de Adeline Rotherham, que não fora encontrado, admitindo-se a hipótese de que, com a violência do acidente, seu corpo tivesse sido retalhado e carbonizado posteriormente.

O que restou de sua mala foi encontrado entre os destroços, o que comprovava que havia embarcado. O marido confirmava que a havia acompanhado até o embarque.

Tudo levava a crer que ela estava mesmo morta, já que os técnicos afirmavam que não havia possibilidade alguma de alguém escapar com vida daquele tipo de acidente, o que parecia bem lógico pelas fotografias dos destroços.

Fiquei curioso, confesso, uma vez que não podia imaginar o que interessaria à Ethel Rotherham descobrir de tudo aquilo, principalmente porque, numa das notícias mais recentes, quatro semanas após o acidente, os peritos informassem que um raio fora o responsável pelo acidente, danificando os controles e impedindo que o avião ganhasse altura ou pudesse desviar-se do monte.

Tecnicamente, Adeline estava morta, se era isso que Ethel desejava confirmar. Legalmente, já era um outro problema que não cabia a ele responder nem haveria como provar isso com evidências. Os peritos haviam sido bem incisivos quanto à possibilidade de alguém sobreviver. Resolvi deixar de conjecturar a respeito do assunto.

Eu só poderia começar a fazer alguma coisa depois que soubesse o que ela queria de mim.

Pearl veio me trazer as notas e avisos dos informantes que eu tinha, espalhados por toda a cidade. Na realidade, essa gente constituía uma rede informal de pessoas que estavam sempre bisbilhotando a vida dos outros, ansiosas para flagrar alguma coisa que pudessem vender depois como informação.

Era o homem da banca de jornais, era o vigia do lixão, era o engraxate, era a prostituta que fazia ponto na beira da praia, gente de toda espécie, enfim, que por força de seu trabalho, por hábito, curiosidade, vício ou degeneração fazia aquilo.

Quando achavam que tinham alguma coisa interessante, ligavam para os detetives que conheciam, oferecendo sua mercadoria. Às vezes surgiam boas informações e em mais de uma oportunidade eu acabei chegando a uma solução favorável a partir de uma dessas informações.

A questão toda resumia-se em garimpá-las, pois refletiam apenas o que eles tinham visto. Analisar e encontrar alguma consistência ou pertinência naquilo era o trabalho mais difícil.

Entre as notas, por exemplo tinha a de um carro negro que todas as noites passava por uma certa rua e para por alguns minutos diante de uma casa. Outra falava de um homem com uma arma na mão, correndo pela Via Expressa Santa Mônica. Tinha até a de um pescador falando de alguém, numa lancha suspeita, jogando um tambor cheio de cimento endurecido em algum ponto da Baía de Long Beach.

Deixei tudo de lado naquele dia. No momento eu não trabalhava em nenhum caso que precisasse daquele tipo de informações. Mesmo assim, devolveria as notas para Pearl, que as catalogaria e deixaria no computador.

Nesta profissão nunca se sabe quando se vai precisar de alguma coisa.

Analisei os casos em andamento. Todos eles dependiam de alguma coisa externa, além de minhas providências, por isso teriam de esperar de qualquer maneira. Fora isso, havia apenas um caso envolvendo uma garota desaparecida em South Gate e a família acreditava que seu namorado, um traficante de drogas, havia dado sumiço nela por algum motivo.

Eu esperava que o Departamento de Polícias liberasse logo o resultado de suas investigações, já que o namorado fora interrogado. A garota possuía, também, um seguro de vida e havia alterado recentemente o beneficiário, indicando o namorado, ao invés da mãe, como constava na apólice anterior.

Entre as notas, havia um recado do Tenente Sam Rudge, pedindo-me para ir vê-lo. Como eu tinha a manhã toda livre, até o almoço com Rufus, achei que poderia adiantar alguma coisa nas investigações do desaparecimento da garota.

Avisei Pearl e fui até o Distrito Policial de South Gate, um bairro da pesada mesmo, cujo território era disputado pelas gangues dos Reds, de origem latina, e dos Shades, agrupando negros marginais.

O namorado da garota e ela faziam parte da gangue dos Reds, que traficavam drogas e armas pesadas. A chance de encontrá-la com vida era muito pequena, já que a violência naquele meio era simplesmente incontrolável.

De qualquer modo, aquela modificação no beneficiário do seguro, feita às vésperas da morte da garota, era a única pista e despertava suspeitas realmente.

Sam Rudge era um descendente de irlandês, com a cara redonda e queixo quadrado, sempre com um sorriso enorme na boca.

Parecia um pacato professor ou um inofensivo comerciante mas era, na verdade, um dos homens mais temidos pelo submundo do crime de Los Angeles.

Sam tinha um lema: entre mim e ele, prefiro que seja ele. Sua ficha funcional já estava marcada com inúmeras observações de uso excessivo de força no combate aos marginais.

A par disso, havia recebido diversas citações por bravura e mérito, o que contrabalançava. Se de um lado a imprensa o malhava por ser tão duro, nos gabinetes do prefeito e nas salas do Distrito seu nome era sempre citado como exemplo.

— Escreva uma coisa que vou lhe dizer, Uther — disse ele, quando fui verificar as providências que a Polícia estava tomando no caso da garota. — Essa nunca mais veremos com vida. E tem mais: o namorado dela nada sabia sobre a apólice de seguro, tenho certeza disso.

— Por quê? — eu quis saber.

— A apólice dela é de um seguro de dez mil dólares. Esse rapaz ganha isso em uma semana vendendo drogas e armas. Por que precisaria matá-la?

Sam era esperto e tinha toda razão quanto a isso. A mesma coisa já me havia ocorrido.



Meu amigo, o Tenente Sam Rudge estava com o mesmo bom humor de sempre, cumprimentando-me com o seu famoso abraço de urso, que poderia partir a espinha de um ser humano mais frágil. Depois de me pôr no chão, após quase me tirar o fôlego, aquele irlandês maluco me empurrou na direção da máquina de café.

Enquanto ele tomava um café descafeinado, eu tomava o meu café normal, como deve tomar todo detetive que se preze, muito embora houvesse muito tempo que eu não tomava um pileque que merecesse aquele tipo de café.

— E então, alguma notícia da garota? — indaguei.

— O namorado dela foi preso ontem.

— Algo a ver com o sumiço dela?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

